

Maternidade nas Antilhas: a recusa e a idealização da figura materna na sociedade e na literatura

Maternity in the Antilles: refusal and idealization of the maternal figure in society and literature

Consuelo Gouvêa de Faria

Universidade Federal Fluminense

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2826-8708>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as diferentes experiências maternas e a recusa à maternidade sobre uma ótica ocidental com enfoque na cultura antilhana. Propõe-se uma breve análise da manifestação da (não) maternidade durante o período bíblico até a sociedade contemporânea a fim de exibir a complexidade e a grandiosidade do tema. Busca-se apresentar uma definição de certos conceitos que englobam a temática da maternidade, como a “maternidade compulsória”, a diferença entre “maternidade” e “maternagem” e a construção da imagem de mulher “poteau-mitan”. Tais definições auxiliam na compreensão de suas expressões e representações em algumas narrativas clássicas da literatura das Antilhas. Em todos os textos aqui analisados, contempla-se a presença vital da figura materna dos personagens principais ou presencia-se a história de uma mãe como elemento central da narrativa. Através das diferentes histórias dos romancistas antilhanos, nota-se a divergência no que diz respeito à conduta esperada da mulher e às diversas manifestações da maternidade em cada personagem feminina. Acolhe-se como fundamentação teórica central as reflexões de mulheres intelectuais como Julia Kristeva, Fatima Py, Françoise Vergès, Stéphanie Mulot, bell hooks, Elisabeth Badinter e Nubia Hanciau. Valoriza-se as interfaces literárias acerca da maternidade entre a escritora guadalupense Maryse Condé e os romancistas caribenhos Joseph Zobel, Simone Schwarz-Bart, André Schwarz-Bart, Patrick Chamoiseau e Gisèle Pineau.

Palavras-chave: mulher, maternidade, maternagem, adoção.

Abstract: This article aims to analyze the different maternal experiences and the rejection of motherhood from a western perspective focusing on Antillean culture. It is proposed a brief analysis of the manifestation of the (non) motherhood during the biblical period to the contemporary society in order to exhibit the complexity and grandeur of the theme. It seeks to present a definition of certain concepts that encompass the theme of motherhood, such as the “compulsory motherhood”, the difference between “motherhood” and “mothering” and the construction of the

image of women “poteau-mitan”. Such definitions assist in understanding their expressions and representations in some classic narratives of Antillean literature. In all the texts analyzed here, the vital presence of the maternal figure of the main characters is contemplated or the story of a mother is witnessed as a central element of the narrative. Through the different stories of the Antillean novelists, there is divergence regarding the expected conduct of women and the various manifestations of motherhood in each female character. The reflections of intellectual women such as Julia Kristeva, Fatima Py, Françoise Vergès, Stéphanie Mulot, Bell Hooks, Elisabeth Badinter and Nubia Hanciau are welcomed as central theoretical foundations. The literary interfaces between the Guadelupean writer Maryse Condé and the Caribbean novelists Joseph Zobel, Simone Schwarz-Bart, André Schwarz-Bart, Patrick Chamoiseau and Gisèle Pineau are valued.

Keywords: woman, motherhood, mothering adoption.

De acordo com o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, a palavra “mãe” deriva do latim vulgar “mater”, que está associada também a “mamma” (seio) e “mammare” (mamar). A palavra latina dá origem também às palavras “materno”, “maternar” e “maternidade”. No entanto, diversas línguas não latinas possuem uma expressão similar à “mãe”, como “mutter”, em alemão, e “mother”, em inglês. A letra “m” no início da palavra possui origem cultural e diz respeito à facilidade dos bebês em emitir sons com as letras “m”, “p” e “b”, facilidade que decorre do fato de não precisarem utilizar a língua ou os dentes. Assim, o fonema /m/ nas palavras “mãe” em diferentes línguas está relacionado ao som feito pelo bebê enquanto mamava. No dicionário da língua portuguesa, “mãe” tem como definição: “Mulher ou qualquer fêmea que deu à luz a um ou mais filhos. Fonte, origem.” (Aurélio, 2014, p. 479). No dicionário online de língua inglesa, a palavra possui definição similar: “A mãe de um ser humano; uma mulher em relação a uma criança ou filhos a quem ela deu à luz; (também, em uso prolongado) uma mulher que assume as responsabilidades de um pai para com uma criança.¹” (mother in Oxford, 2023). Em ambos os casos, a fim de ser considerada mãe, a mulher precisa de um filho concebido, gestado e parido. Já no dicionário on-line de língua francesa, “mère” aparece com uma definição adicional:

¹ The female parent of a human being; a woman in relation to a child or children to whom she has given birth; (also, in extended use) a woman who undertakes the responsibilities of a parent towards a child.

É de nossa autoria a tradução livre para o português de verbetes, textos literários, entrevistas e fortuna teórica referenciados em inglês e em francês.

“Mulher que deu à luz ou que adotou uma ou várias crianças.²” (mère *in* Larousse, 2023). Nessa última definição, nos é apresentada a possibilidade de maternidade a partir da adoção, sem que o ato de dar à luz à criança seja necessário.

As diferentes definições de “mãe” observadas nos dicionários induzem uma reflexão sobre a concepção de maternidade na sociedade e sua diferença em relação à maternagem. No dicionário Priberam, o termo “maternagem” possui o seguinte significado: “Técnica psicoterapêutica que visa estabelecer entre o terapeuta e o paciente uma relação semelhante a uma relação entre mãe e filho.” (maternagem *in* Priberam). O termo aparece em francês como *maternage* com significados para além da área da psicanálise: “1. Conjunto dos cuidados frequentes prestados por uma mãe ao seu bebê. 2. Ação de tomar conta de alguém, atitude de quem protege excessivamente outra pessoa.³” (maternage *in* Larousse). Maternagem é, então, o ato que segue após o parto, podendo ser realizado pela mãe biológica da criança ou não. Assim, percebemos a diferença entre a maternidade e a maternagem presentes no dicionário e no imaginário da sociedade que julga a necessidade do primeiro estar ligado a laços consanguíneos e ao ato de dar à luz. A distinção entre os dois termos se faz necessária para a compreensão do papel de mãe desempenhado por mulheres e esperado delas ao longo dos anos na sociedade e no *corpus* analisado.

No livro de Timóteo presente na Bíblia, a maternidade aparece como salvação da mulher, como se somente assim ela fosse digna e livre dos pecados causados por Eva: “Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade” (Timóteo, 2:13-15). Segundo a escritora e psicanalista Julia Kristeva,

[...] a fertilidade feminina e o período da gravidez constituem, ainda hoje, não só um pólo de fascínio pelo imaginário, mas também um refúgio do sagrado. Para a religiosidade moderna, o “além” já não estaria acima das nossas cabeças, mas no ventre materno. Ser mãe hoje nos confrontaria assim com a sobrevivência do sentimento religioso⁴ (Kristeva, 2011, p.

² Femme qui a mis au monde ou qui a adopté un ou plusieurs enfants.

³ 1. Ensemble des soins courants prodigués par une mère à son nourrisson.
2. Action de mater quelqu'un, attitude de celui qui protège excessivement quelqu'un d'autre.

⁴ [...] la fertilité féminine et la période de la grossesse constituent, aujourd'hui encore, non seulement un pôle de fascination pour l'imaginaire mais aussi un refuge du sacré. Pour la religiosité moderne, l'« au-delà » ne serait plus au-dessus de nos têtes mais dans le ventre maternel. Être mère aujourd'hui nous confronterait ainsi aux survivances du sentiment religieux.

43).

O versículo bíblico e a fala da intelectual mostram a visão da sociedade sobre a maternidade como algo divino e milagroso, necessário para a perpetuação da espécie humana. Nesse sentido, a maternidade deve ser algo almejado por todas as mulheres e deve estar relacionado sempre aos sentimentos de amor, de felicidade e de realização. No entanto, em relação às funções maternas esperadas de mulheres, as pesquisadoras Marli Marlene Moraes da Costa e Etyane Goulart Soares chamam a atenção para a maneira com que mulheres foram (e são) forçadas a desempenharem o papel de mãe sem que exista um desejo propriamente dito para a prática da maternidade:

Ao longo de muito tempo, ao menos no mundo ocidental, a incumbência pelo cuidado com as crianças foi, sobretudo, das mulheres, que ficaram por séculos detidas ao ideal do necessário e do bom desempenho desta tarefa. A maternidade, exercida como forma de controle do feminino, alienou as mulheres de seus próprios corpos ao mantê-las neles encarceradas, principalmente ao não lhe garantir a escolha entre exercer ou não a árdua tarefa de ser mãe e cuidadora. Instituiu-se uma identidade forçada e não uma experiência voluntária, vivida pelo desejo da mulher, ou eventualmente, do casal. (Costa; Soares, 2022, p. 371).

Percebemos que a maternidade imposta à mulher funciona como um meio de controlar seu corpo e sua vida, de maneira que ela fique presa à “árdua tarefa de ser mãe e cuidadora” e desaposse de sua identidade única como ser humano. A citação acima se apresenta de maneira contrária ao versículo visto e à ideia analisada por Kristeva. De um lado, a maternidade e a vontade de maternar são eventos intrínsecos da mulher e necessários para a felicidade e a salvação do sexo feminino. Por outro lado, a sociedade, com seus costumes e expectativas, impõe a maternidade às mulheres como forma de perpetuar uma ideia arcaica sobre a responsabilidade única da mulher como cuidadora. Assim, diferentemente do que acontece com o sexo masculino, a mulher permanece sempre ligada a outro ser, seu filho, e às responsabilidades advindas desta relação compulsória.

Juntamente com os deveres femininos em relação a seu filho, existe a concepção de que a mulher necessita obrigatoriamente desempenhar papéis de cuidadora com todos à sua volta. Ao falar sobre a greve de 2018 de mulheres racializadas contra a empresa de limpeza Onet, a cientista política francesa Françoise Vergès

discorre sobre a importância da visibilidade dos trabalhos considerados “invisíveis”, como o da limpeza pública. Permitimo-nos estender a aceção da invisibilidade atrelada ao trabalho feminino para caracterizar a maternagem:

Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. Por outro lado, o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos invisíveis e vidas descartáveis (Vergès, 2020, p, 24-25).

Vergès utiliza o exemplo da greve para retratar o trabalho invisível realizado diariamente por diferentes mulheres ao redor do mundo. A discussão, muito atual, foi tema da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2023, apresentado como: “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”. A redação de 2023 e o exemplo utilizado por Vergès trazem uma reflexão sobre a não remuneração das atividades desempenhadas por mulheres. Como aponta a cientista política, a sociedade, de maneira geral, espera (ou obriga), há séculos, que as práticas de limpar e cuidar sejam executadas por pessoas do sexo feminino sem reclamações. As rotinas de trabalho invisível das mulheres estão relacionadas ao trabalho remunerado, como mostra Vergès, mas, também, ao trabalho caseiro com a família. Por séculos, coube à mulher cozinhar e cuidar de sua casa sem receber salário enquanto seu marido fazia parte do mundo corporativo e tinha seu trabalho recompensado. Apesar das mudanças da sociedade em relação ao papel da mulher no mercado de trabalho, ainda hoje, muitas mulheres precisam realizar trabalhos invisíveis para a manutenção de suas vidas pessoais. Atualmente, muitos desses trabalhos são direcionados a seus filhos e suas demandas, como cozinhar, levar à escola, levar ao médico, lavar a roupa, dentre outros.

A partir das citações acima, podemos compreender melhor o conceito de maternidade compulsória. O termo faz referência ao desejo das mulheres em se tornarem mães devido às práticas sociais e políticas da sociedade. O desejo em questão da mulher em se tornar mãe não é necessariamente inerente ou pleno, mas vem acompanhado da vontade de cumprir um papel que dela é esperado desde seu nascimento. Neste cenário, a maternidade vem sempre acompanhada da maternagem, pois, além de parir a criança, é necessário que a mulher satisfaça as expectativas da sociedade e seja considerada uma boa mãe para seu filho ou filha. Evidentemente, chamamos a atenção para o fato de que a maternidade não possui a mesma conotação para todas as mulheres, existindo inclusive uma diferença em relação a essa

experiência devido à raça da mãe. Ressaltamos que a decisão feminina pela maternidade se dá muitas vezes de forma complexa, interseccional, aparentemente contraditória, o que dificulta a tarefa do pesquisador em delimitar as experiências analisadas no *corpus*. Isto quer dizer que podem coabitar maternidade e maternidade compulsória, por exemplo.

Propomos neste momento realizar um recorte geográfico no que diz respeito à experiência materna e analisar a concepção da maternidade nas Antilhas e como ela é representada de maneira diversa pelos escritores crioulos. Em 1979, Maryse Condé, escritora guadalupense, lança seu livro *La parole des femmes: Essai sur des romancières des Antilles de langue française*, com o qual busca analisar as obras de romancistas caribenhas e o olhar que elas possuem sobre a sociedade e sobre si mesmas. A princípio, o livro nasce como uma forma de ensaio para que a autora pudesse trabalhar com seus alunos na universidade em que lecionava. Dividido em duas partes e com dez capítulos, o livro expõe temas como a natureza, o olhar sobre o homem e sobre o amor, a morte, os conflitos sociais, entre outros. O capítulo quatro, intitulado *La maternité* [a maternidade], se divide em duas partes, sendo elas “avoir une mère” [ter uma mãe] e “être une mère” [ser uma mãe]. Condé examina a concepção da maternidade nas Antilhas e analisa a visão do tema de acordo com romancistas caribenhas, em especial Simone Schwarz-Bart e Françoise Ega. Por se tratar de um ensaio idealizado para ser trabalhado em uma sala de aula sobre estudos caribenhos, ele ressalta a importância da maternidade para Condé, que decide dedicar um capítulo inteiro de seu livro ao tema. Assim, acreditamos que, para compreender a sociedade caribenha através dos olhos das escritoras crioulas, é imprescindível que exista um estudo sobre as vivências da maternidade.

O livro ensaístico de Condé marca a presença e a importância da maternidade nas obras de autoria feminina. No entanto, o tema é também explorado por grandes autores caribenhos, como Patrick Chamoiseau. O autor possui uma trilogia intitulada *Une enfance créole*, dividida em três tomos: *Antan d'enfance* (1990), *Chemin-d'école* (1994), e *À bout d'enfance* (2005), na qual sua mãe, Man Ninotte, ganha grande relevância. Através dos livros sobre sua infância, podemos perceber que “A mãe de Chamoiseau era a figura central de sua infância devido a sua capacidade de lutar contra a pobreza e de manter a língua crioula no seio da família.”⁵

⁵ La mère de Chamoiseau était la figure centrale de son enfance en raison de sa capacité de lutter contre la pauvreté et de maintenir la langue créole au sein de la famille.

(Coon, 2013, p. 15). Dezesete anos após a morte de sua mãe, o autor escreve *La matière de l'absence* (2016), no qual ele busca explorar a partir de um diálogo com sua irmã, apelidada de “la Baronne”, as repercussões da morte de sua genitora. Trata-se de um livro catalogado como um *récit*, redigido em primeira pessoa, no qual Chamoiseau mescla uma autobiografia com uma espécie de ensaio sobre temas sensíveis da história caribenha. Segundo o personagem-narrador, a língua crioula utiliza a expressão “sem mamãe⁶” (Chamoiseau, 2016, p. 91) para descrever algo cruel e impiedoso e, ao retratar sua experiência pessoal com a maternidade, Chamoiseau mostra sua relação com sua mãe como algo único e insubstituível, de maneira que a sua falta fosse comparada a “paisagens do invisível⁷” (Chamoiseau, 2016, p. 210). A comparação do autor nos faz pensar na beleza daquilo que não existe mais. Assim, as obras chamoiseanas mencionadas nos concedem a presença de uma mãe tradicional nos padrões ocidentais, apresentada como batalhadora e carinhosa com seus filhos.

Em *La matière de l'absence*, Chamoiseau descreve com saudosismo as situações corriqueiras realizadas por sua mãe em prol de sua família:

Com a mesma energia que as vendedoras ambulantes empregavam nas ilhas, Man Ninotte realizava as atividades em casa desde às quatro horas da manhã. A luz acendia na sala, a louça era lavada, ouviam-se sons de panelas, uma vassoura limpava a cozinha, os cheiros do leite e do café entravam por todo o lado. A porta se abria, se fechava, se percebia o rangido do corredor, e o rangido mais distante da escada; as galinhas e os porcos enjaulados no pátio manifestavam contentamento enquanto ela cuidava deles, resolvia um desastre causado por gatos ou ratos, acabava um balde de roupa suja, cuidava do lençol... Este concerto intangível, em vez de nos acordar, nos levava à serenidade. Ele nos dizia que Man Ninotte estava no fronte: então tudo estava em ordem! Quando saímos da cama, não permanecia nada da desordem da noite, tudo estava pronto para os afazeres do dia⁸ (Chamoiseau, 2016, p. 324-325).

⁶ sans mamman

⁷ les paysages d'un invisible.

⁸ Cette énergie que les pacotilleuses déployaient dans les îles, Man Ninotte la déclenchait dans la maison dès quatre heures du matin. La lumière s'allumait dans la salle, la vaisselle se faisait, des bruits de casseroles s'entendaient, un balai nettoyait la cuisine, les odeurs du lait et du café se faufilaient partout. La porte s'ouvrait, se refermait, on percevait le grincement du couloir, et celui plus lointain de l'escalier ; les poules et les cochons encagés dans la cour poussaient leurs criaillements de plaisir tandis qu'elle s'occupait d'eux, réglait une catastrophe causée par les chats ou les rats, finissait une bassine de linge sale, ramenait un drap à l'embellie... Ce concert intangible, plutôt que de nous réveiller, nous

A fala do narrador expõe a rotina exaustiva de Man Ninotte e a preocupação que ela tinha para que, no momento em que todos acordassem, a casa estivesse ordenada e as tarefas domésticas estivessem encaminhadas. Percebemos a necessidade da mãe do personagem em acordar às quatro horas da manhã para realizar atividades que lhe foram, de certa maneira, impostas. Sem a disposição de Man Ninotte em acordar antes de todos, acreditamos improvável que outro membro da família substituísse o posto desta mãe, fazendo com que a casa não tivesse a mesma ordem. As práticas desempenhadas pela personagem marcam uma exaustão no que concerne à sua vida, sendo ela a responsável pela casa, pelo companheiro, por si mesma e pelos filhos. Man Ninotte tem a obrigação de acordar antes de todos para trabalhar e, muito provavelmente, precisa dormir após colocar seus filhos na cama, sendo a última a descansar. Assim, o orgulho com que o personagem descreve sua mãe nos mostra na realidade a vida árdua e cansativa de uma mãe que precisa colocar as necessidades de sua família a frente de seu próprio descanso e conforto. O narrador se recorda também do momento em que percebeu que Man Ninotte não poderia ser reduzida apenas à figura da mãe:

Estes desconhecidos nos lembravam que ela não tinha sido somente nossa mãe, que a sua vida não se resumia a nós, que tinha tido uma juventude, segredos, alegrias, esperanças, sonhos, amizades, outras histórias que nunca nos preocuparam, e que se concentravam lá, em presenças sem nome, à beira do seu último rastro⁹ (Chamoiseau, 2016, p. 248-249).

Na passagem acima, que se desenvolveu no velório de Man Ninotte, observamos o equívoco cometido pela maioria dos filhos em acreditar que sua mãe não possuía uma vida antes de seu nascimento. A sociedade, juntamente com os filhos, reduz as mulheres ao único papel de mãe a partir do momento em que elas dão à luz ou desempenham a maternagem. Chamoiseau recorda perceber apenas após sua morte que Man Ninotte, assim como todas as outras mulheres, havia amigos e uma vida antes de virar

renfonçait dans la sérénité. Il nous disait que Man Ninotte était sur les remparts : tout était donc en ordre ! Quand nous sortions des oreillers, rien du désordre du soir ne subsistait nulle part, tout était prêt pour les affaires du jour.

⁹ Ces inconnus nous rappelaient qu'elle n'avait pas été que notre manman, que sa vie ne s'était pas résumée à nous, qu'elle avait eu des jeunesses, des secrets, des joies, des espoirs, des rêves, des amitiés, d'autres histoires qui ne nous avaient jamais concernés, et qui se concentraient là, en des présences sans nom, au bord de son ultime sillage.

mãe. A realização do autor é um dos exemplos que mostram a vontade da genitora em priorizar a felicidade e as necessidades de seus filhos em comparação a sua.

É importante assinalar que a relevância do tema da maternidade na tessitura literária caribenha francófona remonta pelo menos ao século anterior. A título de ilustração, mencionamos uma obra canônica publicada seis décadas antes do *récit* de Chamoiseau: o romance *La Rue Cases-Nègres* (1950) do escritor martinicano Joseph Zobel. A história narra a vida de José, menino criado pela avó, M'man Tine, enquanto sua mãe, Délia, se muda para a capital da Martinica para trabalhar como doméstica. No romance de Zobel,

A ausência física da mãe se justifica pela contribuição financeira mensal indispensável para refrear a miserabilidade dos personagens rurais, desprovidos de quase tudo. Assim, as distâncias tanto de M'man Tine e Delia quanto de Delia e José denunciam um dado fundamental nos imaginários da (não-)maternagem, o fato de as mais vulneráveis economicamente precisarem muitas vezes abdicar dos filhos para vê-los em melhores condições. Algumas chegam a doar os filhos, outras trabalham em jornadas exaustivas e, quando retornam para casa, encontram os filhos já adormecidos. Em outras palavras, trata-se das renúncias que mulheres negras periféricas colocam diariamente em prática pela sobrevivência e o bem-estar dos pupilos e isto em detrimento das próprias satisfações pessoais. Mais do que um exercício de descentramento, a maternidade nestas condições pode ganhar contornos de experiência de autoflagelo (Rocha, 2020, p. 48).

Diferentemente da representação da mãe observada no livro de Chamoiseau, a personagem da mãe no romance de Zobel não esteve presente fisicamente em sua infância. A presença de Délia se manifesta através de sua contribuição financeira visando um futuro no qual seu filho tivesse condições de ser escolarizado e pudesse construir uma vida mais confortável: “Minha mãe com certeza tinha enviado dinheiro, pois eu tinha uma roupa nova e iria retornar à escola.¹⁰” (Zobel, 1974, p. 138). Como mencionado por Rocha, a personagem feminina representa várias outras mulheres negras que precisaram, de certa forma, renunciar à maternagem visando ao bem-estar de seus descendentes. Na terceira parte do romance, quando Délia e José estão finalmente juntos fisicamente, a luta de Délia para conseguir dinheiro a fim de garantir uma boa educação para seu filho permanece quando a escola oferece apenas ¼ de bolsa para José:

Mas o que eu não entendia era que minha mãe não mostrava sinais de

¹⁰ Ma mère avait certainement envoyé l'argent, car j'avais un costume neuf, et j'étais retourné à l'école.

desânimo ou de abandono. Sentia nela uma angústia ainda mais forte do que a minha, e ainda assim a via a caminhar pela cidade, a pular de escritório em escritório [...] Como entrar no ensino médio onde minha mãe teria que pagar oitenta e sete francos e cinquenta a cada três meses, e por vários anos - cerca de sete anos, disseram? Eu também não entendia por que minha mãe não queria simplesmente desistir da ideia, já que, em suma, havia os Tribunais Superiores e os Cursos Complementares gratuitos. Mas toda hora ela dizia: - Eles são muito maus! Só porque somos pretos, pobres e estamos sozinhos, não te deram uma bolsa inteira. Eles sabem que sou infelizmente uma mulher e que não te posso pagar o liceu. Eles sabem muito bem que te dar um quarto de bolsa de estudos não é nada. *Mas eles não sabem o tipo de mulher de combate que eu sou.* Bem! Não vou desistir deste quarto de bolsa. Você vai para a escola deles!¹¹ (Zobel, 1974, p. 215-216, grifo nosso).

Percebemos a mesma índole da figura materna descrita por Chamoiseau no romance de Zobel. Délia também prioriza a felicidade do filho e se mostra forte o suficiente para enfrentar os empecilhos que aparecem em suas vidas. Para ela, a felicidade de José está diretamente ligada ao fato do menino precisar possuir uma boa educação para, no futuro, usufruir de uma vida com menos sofrimentos. A partir dos dois escritores, contemplamos uma representação da figura materna capaz de realizar tudo e qualquer coisa pelos filhos. Ambas as mães descritas por Chamoiseau e por Zobel refletem a mãe que prioriza a felicidade dos filhos a sua própria, seja trabalhando incansavelmente para que o filho tenha um maior conforto, seja precisando se distanciar fisicamente para que ele tenha uma melhor condição no futuro. Por se tratar de um tema amplamente contemplado, a maternidade pode aparecer de formas diferentes daquelas vistas em Chamoiseau e em Zobel. Diversas romancistas caribenhas

¹¹ Mais ce que je ne comprenais pas, c'était que ma mère ne manifestât aucun signe de découragement ni d'abandon. Je sentais en elle une angoisse plus âpre encore que la mienne, et pourtant je la voyais s'acharner à marcher par la ville, à ricocher de bureau en bureau [...] Comment entrer dans le lycée où il fallait que ma mère payât quatre-vingt-sept francs cinquante tous les trois mois, et pendant plusieurs années - environ sept ans, avait-on dit ? Je ne comprenais pas pourquoi, non plus, ma mère ne voulait pas tout simplement abandonner la partie, puisque, somme toute, il y avait les Cours Supérieurs et les Cours Complémentaires gratuits. Mais à tout instant, elle proférait : - Ils sont trop méchants ! C'est parce que nous sommes des petits nègres, pauvres et seuls, qu'ils t'ont pas donné une bourse entière. Ils savent bien que je suis une malheureuse femme et que je ne pourrais pas te payer le lycée. Ils savent très bien que te donner un quart de bourse d'études, c'est rien te donner du tout. *Mais ils savent pas quelle femme de combat je suis.* Eh bé ! j'abandonnerai pas ce quart de bourse. Tu iras dans leur lycée !

discorrem sobre representações da mãe que fogem às dimensões mais socialmente reconhecidas na sociedade crioula, nos apresentando personagens femininas que negam ou evitam a maternidade. Tais personagens atuam muitas vezes como reflexo de uma determinada cultura, o que nos ajuda a compreender o papel atrelado à mulher dentro do imaginário antilhano. Em *La parole des femmes* (1993), Condé diz que “Nas Antilhas, como na África ou na Europa, até pouco tempo, a mulher se valoriza quase exclusivamente pela função materna.”¹² (Condé, 1993, p. 40). Com essa citação, Condé busca analisar a complexidade da maternidade para a sociedade antilhana, na qual o valor de uma mulher é medido segundo sua capacidade de gerar e de criar outro indivíduo: “[...] o casamento e a maternidade constituem os critérios sobre os quais se mede o valor da mulher e sobre os quais se sabe se ela corresponde à expectativa da sociedade.”¹³ (Lyons, 2011, p. 102). Quando uma mulher não possui um casamento ou um filho, ela é, então, aos olhos da sociedade, inferior, incapaz de cumprir com sua maior obrigação enquanto mulher. Além da sociedade possuir sentimentos negativos em relação a mulher “não-mãe”, ela comumente se torna digna de piedade por precisar viver sua vida sozinha, sem a companhia de um companheiro ou, principalmente, de seus filhos. A imagem negativa da mulher que recusa a maternidade ou é incapaz de exercê-la é representada em diversos romances antilhanos. Dentre eles, destacamos a narrativa de Simone Schwarz-Bart *Du fond des casseroles*, presente no livro *Nouvelles de Guadeloupe*¹⁴ (2009), no qual a gastronomia aparece como um fator significativo para a cultura antilhana: “a cozinha era antes de tudo uma cozinha de partilha. Consideramos que o ato de comer sozinho é uma punição” (Schwarz-Bart, 2009, p. 80). Além da relevância da culinária para a sociedade antilhana, a citação da autora evidencia também a importância de ter alguém com quem compartilhar suas refeições, de maneira que uma mulher sem filhos e sem marido, ao se alimentar sozinha, está fadada à solidão e à tristeza. Para a sociedade antilhana, como retrata Schwarz-Bart, o ato de estar sozinha é interpretado como punição. A punição neste caso está ligada à escolha de não ter se casado nem ter tido filhos. Percebemos o julgamento de valor sobre as mulheres no que diz

¹² Aux Antilles comme en Afrique ou en Europe jusqu'à une date récente, la femme se valorise presque exclusivement par la fonction maternelle.

¹³ le mariage et la maternité constituent les critères selon lesquels on mesure la valeur de la femme et selon lesquels on sait si elle répond à l'attente de la société.

¹⁴ Publicada originalmente em 1989, na edição 41 da revista *Autrement Revue*, esta narrativa nasce do discurso proferido por Simone Schwarz-Bart quando da visita oficial de cozinheiras guadalupenses em Paris em 1986.

respeito à maternidade. O suposto castigo representa um dentre tantos elementos que impõem às mulheres antilhanas a necessidade de se tornarem mães.

Além da maternidade como alternativa para uma vida sozinha, obras da literatura antilhana oferecem a perspectiva da maternidade como salvação. Em *Senhores do Orvalho* (2020), segunda tradução para o português do romance *Gouverneurs de la rosée* (1944) do escritor haitiano Jacques Roumain, o protagonista Manuel morre ao buscar a paz de seu vilarejo: “– Oh Manuel, Manuel, por que você morreu? gemeu Délira. – Não - disse Annaïse, e ela sorriu através das lágrimas -, ele não morreu. Tomou a mão da velha e apertou-a de leve contra seu ventre, onde se agitava a nova vida” (Roumain, 2020, p. 220). As últimas linhas do romance, nas quais a personagem Annaïse expõe que está grávida de Manuel, ilustram a maternidade como forma de continuação da vida. Mesmo após a morte de seu companheiro, assassinado violentamente, o filho que a personagem está carregando faz com que a possibilidade de uma vida melhor, vida buscada por Manuel, seja possível. Apesar da morte do personagem principal, o romance se encerra indicando um final feliz devido à gravidez de Annaïse, exposta nas últimas linhas. Ademais, graças à criança ainda não nascida, Manuel permanecerá vivo em sua linhagem. Para que isso aconteça, é necessário que as mulheres, suas descendentes, continuem exercendo a maternidade.

A importância da mulher cercada de filhos, netos, e sua necessidade em ser o centro da família e a responsável em perpetuar sua linhagem é representada pelo conceito *poteau-mitan* na sociedade antilhana. O conceito faz referência ao poste central nos templos vudus e, ao ser associado à maternidade, representa a presença indispensável da mulher na construção da sociedade. Assim como o poste, a mulher aparece como figura central na configuração da família antilhana:

A Martinica é uma sociedade patriarcal, mas matrifocal, no sentido de que muitas mulheres criam seus filhos sozinhas. Às vezes, são filhos de pais diferentes, muitas vezes ausentes. [...] O *poteau-mitan* é isso: uma mulher que assume tudo; o pai dos filhos pode ir embora, ela vai se virar sozinha, vai lutar, criar os filhos. E amá-los (Octavia *apud* Aidara, 2017).

Em um primeiro momento, a imagem da mulher *poteau-mitan* pode parecer um elogio às mulheres caribenhas e às mães por seus trabalhos e sua dedicação. Ao serem descritas como o pilar da família, a base sem a qual a sobrevivência seria impossível, compreendemos que as mulheres são escutadas, possuem todas as

decisões em relação aos filhos e são responsáveis por tudo. Na realidade, o símbolo de feminilidade que marca a cultura antilhana acontece pela falta de escolha. Durante a escravização, a possibilidade de construção familiar como acontece atualmente no mundo ocidental era inexistente. Muitas vezes, grávida de um senhor branco, a mulher negra se encontrava sozinha na criação de seu futuro filho. Ainda que engravidasse de um outro escravizado, as condições da escravização não concediam espaço para o pai da criança exercer suas funções paternas. Dessa forma, a mulher, mãe da criança ou não, representava não só a figura central no nascimento de seu filho, mas também a única figura presente em sua criação, até o momento em que seu filho será negociado e os vínculos familiares quebrados: “Podemos sempre constatar que a família caribenha se distingue da família europeia pela importância da matrifocalidade, em parte resultado das práticas da escravização: privilegia a relação com a mãe, enquanto o homem, o pai, está em grande parte ausente.¹⁵” (Prosper-Chartier, 2008, p. 20). Assim como foi na época da escravização, muitas mulheres são obrigadas a exercerem o papel de figura pilar na família, pois é a única forma de garantir a vida de seus filhos, como aponta a antropóloga Stéphanie Mulot: “A estrutura nos parece mais uma consequência eventual do que uma condição *sine qua non* da matrifocalidade¹⁶” (Mulot, 2000, p. 13). Ademais, a estrutura matrifocal possui um recorte de classes e tende a acontecer em famílias mais humildes, “[...] uma vez que ela é apresentada sobretudo como resultado de problemas econômicos devidos à precariedade financeira dos pais¹⁷” (Mulot, 2000, p. 13).

Percebemos que a maternidade na cultura antilhana não condiz apenas com o desejo das mulheres em se tornarem mães. Na realidade, a concepção materna está diretamente ligada à obrigação das mulheres em se colocarem na posição central familiar devido a inexistência de um parceiro. Um estudo realizado em 1970 na Martinica, divulgado no livro *Mon anthologie de littérature antillaise: De ses origines à 1975* (2005), revela que no momento do casamento 45% das mulheres já possuem filhos com um homem diferente do futuro marido. Ademais, 20% das mulheres se casam

¹⁵ On peut en effet toujours constater que la famille antillaise se distingue de la famille européenne par l'importance du fait matrifocal issu en partie des pratiques esclavagistes: elle privilégie la relation à la mère, alors que l'homme, le père, est en grande mesure absent.” (PROSPER-CHARTIER, 2008, p. 20)

¹⁶ La structure nous semble en effet plus une conséquence éventuelle qu'une condition *sine qua non* de la matrifocalité.

¹⁷ [...] puisqu'elle est présentée comme étant avant tout le résultat de problèmes économiques dus à la précarité financière des pères.

enquanto estão grávidas e 60% delas já possuem um filho pelo menos uma vez antes do casamento (Nicolas, 2005, p. 106). Em 1964, um estudo diferente mostra que 4880 crianças nasceram de forma ilegítima, sem a presença do pai (Nicolas, 2005, p. 112). No mesmo ano, 5932 reconhecimentos de crianças aconteceram, dentre os quais a maioria se realizou com a criança já tendo completado um ano de vida ou mais (Nicolas, 2005, p. 112). Os dados mostram os resquícios da escravização na construção familiar da sociedade antilhana, na qual o pai permanece ausente e a mãe é forçada a ocupar posição central na vida de seu filho:

[...] na sociedade ocidental, a apropriação masculina da genealogia excluiu as mulheres do discurso dominante, predeterminando a sua identidade (os homens conferindo o seu nome e os seus bens às mulheres). Em contrapartida, é concedido às mulheres um acesso simbólico à sua herança materna e, conseqüentemente, à sua identidade própria. No entanto, no contexto caribenho francófono, as configurações de poder distinguem-se a tal ponto que a mãe ocupa uma posição central nas interações culturais, enquanto o pai é muitas vezes marginalizado ou ausente¹⁸ (Hardwick, 2011, p. 59-60).

Concluimos que a sociedade crioula estimula as mulheres a terem filhos, seja para a realização pessoal, seja para a manutenção dos costumes, como vemos na narrativa de Simone Schwarz-Bart. Como figura única na vida de seu filho, a mãe antilhana aparece como exemplo para a criança e para a sociedade. Ela representa a força da mulher, a dedicação de uma mãe com seu filho e todos os sacrifícios que ela está disposta a fazer visando à felicidade de seu descendente:

A dedicação da mãe martinicana é ilimitada. A sua paciência é infinita e a sua renúncia absoluta ao serviço da criança. Ela faz milagres. Ela tem sucesso onde a equipe especializada falha. [...] Esta mãe tem todas as qualidades. Ela é homem e mulher. É ao mesmo tempo autoridade e segurança. É presença constante junto da criança.¹⁹ (Nicolas, 2005, p.

¹⁸ [...] dans la société occidentale, l'appropriation masculine de la généalogie a exclu les femmes du discours dominant, en prédéterminant leur identité (les hommes conférant leur nom et leurs biens aux femmes). En revanche, on doit accorder aux femmes un accès symbolique à leur héritage maternel, et de ce fait, à leur identité propre. Toutefois, dans le contexte caribéen francophone, les configurations de pouvoir se distinguent au point que c'est la mère qui occupe une position centrale dans les interactions culturelles, alors que le père est souvent marginalisé, voire absent.

¹⁹ le dévouement de la mère martiniquaise est sans borne. Sa patience est infinie et son renoncement absolu au service de l'enfant. Elle fait des miracles. Elle réussit là où l'équipe spécialisée échoue. [...] Cette mère a

109).

Na realidade, “Se as mulheres são fortes, é por necessidade e não por adesão a uma imagem fetichista da mulher, e isso encadeia rupturas físicas.²⁰” (Hardwick, 2011, p. 61). Com a falta de opção em exercer ou não a sua maternidade, existe uma dificuldade em muitas mulheres antilhanas no que diz respeito à criação de seus filhos: “Não se trata apenas de fazer um filho, é necessário construir um homem. Não é uma responsabilidade fácil. Você não tem um bebê para si mesmo, para agradar a si mesmo, mas para ele. Ao se tornar pai ou mãe, você deixa de ser uma criança²¹” (Nicolas, 2005, p. 127). Devido à colonização, existe uma grande diferença entre as expectativas das mulheres brancas em relação à maternidade e as expectativas das mulheres negras, o que faz com que a maternidade das mulheres negras seja “uma instituição fundamentalmente contraditória” ainda hoje (Collins *apud* Rocha, 2020, p. 47). Enquanto a maternidade branca nos é apresentada como algo divino e necessário, a mulher negra teve durante muito tempo sua possibilidade em exercer a maternidade rejeitada: “Ao adotar o termo “mãe”, tais mulheres repõem no discurso público essa palavra às vezes considerada retrógrada: “mãe” indica aqui uma postura de proteção e a reapropriação de uma função historicamente negada às mulheres racializadas - a maternidade” (Vergès, 2021, p. 49). Ao mesmo modo em que obras da literatura antilhana reverberam as concepções da sociedade sobre a maternidade como salvação da linhagem e de uma vida de humilhação e punição, elas também buscam desmistificar o conceito de mulher-mãe forte e invejável e de maternidade como escolha para as mulheres negras:

Condé confirma que, nos romances caribenhos, a maternidade está ligada à resistência das mulheres contra esse papel limitado que lhes é atribuído pelo poder patriarcal. Segundo Condé, embora a maternidade se manifeste como um valor tradicional importante, ela é muitas vezes recusada pelos personagens dos romances caribenhos²² (Lyons, 2011, p. 103).

toutes les qualités. Elle est homme et femme. Elle est à la fois autorité et sécurité. Elle est présence constante auprès de l'enfant.

²⁰ Si les femmes sont fortes, c'est par besoin et non pas par adhésion à une image fétichiste de la femme, et cela enchaîne des ruptures psychiques.

²¹ Il ne s'agit pas seulement de faire un enfant, il faudra construire un homme. Ce n'est pas une responsabilité à la légère. On n'a pas un bébé pour soi, pour se faire plaisir en le cajolant, mais pour lui. En devenant parent, on cesse soi-même d'être un enfant.

²² Condé confirme que, dans les romans antillais, la maternité est liée à la résistance des femmes contre ce rôle limité qui leur est assigné par le pouvoir patriarcal. Selon Condé, même si la maternité se manifeste comme

A fala de Condé sobre a recusa da reprodução do papel de mulher-mãe nas Antilhas está presente na obra da escritora guadalupense Michèle Lacrosil. Em seus romances *Sapotille et le serin d'argile* (1960) e *Cajou* (1961), a autora nos apresenta duas personagens femininas que recusam a maternidade por diferentes motivos. No primeiro romance, Sapotille rejeita a maternidade como rejeita a sociedade em que vive, na qual as meninas são submetidas a um "mundo compartilhado [um mundo de] raças, castas submissas!²³" (Lacrosil *apud* Prosper-Chartier, 2008, p. 41). A heroína se conforma com a perda de seu filho que teria "Nascido em uma sociedade que não tem nada para lhe oferecer a não ser sofrimento - o que recorda os atos de desespero das mulheres escravizadas. É também a recusa de uma sociedade que não lhe deu nada, nenhuma identidade, a ela e à mulher de cor em geral²⁴" (Prosper-Chartier, 2008, p. 41). Cajou, personagem de um romance diferente, é apresentada com a mesma recusa à maternidade, "Mas essa rejeição acontece mais fortemente por uma rejeição de si mesma, um nojo de si mesma, enquanto Sapotille não se rejeita tanto a si mesma quanto rejeita a sociedade que não lhe permite desenvolver uma identidade²⁵" (Prosper-Chartier, 2008, p. 41). O romance *Cent vies et des poussières* (2012), da autora guadalupense Gisèle Pineau, apresenta uma terceira versão de uma maternidade atípica no imaginário antilhano. Gina Bovoir, personagem principal no livro de Pineau, é uma mulher solteira que possui o desejo constante de estar grávida. Diferente das mulheres previamente analisadas, Bovoir busca a maternidade, já começando o romance grávida do sétimo filho. Entretanto, a personagem parece se interessar apenas pelos nove meses gestacionais e pelos filhos ainda recém-nascidos, o que faz com que Sharon, uma de suas filhas, deseje a morte da mãe a fim de evitar que ela lhe conceda mais irmãos: "E enquanto Sharon sentia as unhas da mãe escorrerem em seu braço, ela sonhava em vê-la morta. Sim, ela queria que Gina morresse para finalmente parar de

une valeur traditionnelle importante, elle est souvent refusée par les personnages des romans antillais.

²³ monde partagé [un monde de] races, castes soumises!

²⁴ né dans une société qui n'a rien à lui offrir que des souffrances - ce qui rappelle les actes de désespoir des femmes esclaves. C'est aussi le refus d'une société qui ne lui a rien donné, aucune identité, à elle et à la femme de couleur en général.

²⁵ Mais ce rejet passe plus fortement par un rejet d'elle-même, un dégoût d'elle-même alors que Sapotille ne se rejette pas tant elle-même qu'elle rejette la société qui ne lui permet pas de développer une identité.

ter filhos²⁶” (Pineau, 2012, p. 12). O próprio título do romance possui um jogo de palavras sobre a história que será contada. A utilização da palavra “cent” seguida de “vies” faz alusão à quantidade de crianças que Bovoit deu à luz, mas sua pronúncia pode ser facilmente confundida com a palavra “sans”, sem, em francês. O “sem vida” em questão pode atuar como uma provocação para os filhos de Bovoit que cresceram sem a presença e o amor de sua mãe. A indiferença materna, dentre outros fatores, faz com que seus filhos possuam destinos infelizes, como a entrada ao mundo do tráfico e a prostituição. O título mostra então que as crianças, numerosas, nunca tiveram a sorte de usufruir de uma boa vida, fugindo da dor e do sofrimento. Ao observarmos a capa do romance, realizada por José Luiz Pellaez, podemos perceber que a mão da mulher acaricia seu ventre, referenciando o ato realizado pela maioria das mulheres grávidas ao demonstrarem contentamento e orgulho com sua gravidez e amor à criança ainda não nascida. A posição das mãos na capa nos mostra uma mulher acarinhando seu filho. Ademais, por se tratar de um livro no qual a mulher apresenta uma relação incomum com os filhos, Pineau concebe a ideia de uma maternidade não mais compulsória. Para Bovoit, a maternidade aconteceu sete vezes por vontade própria, por amor à gravidez e ao desejo de ser constantemente responsável por uma gestação.

Através dos romances, podemos conhecer e observar mães diferentes e suas relações com a maternagem. Enquanto Chamoiseau nos apresenta uma mãe presente e afetuosa, Zobel escreve sobre uma mãe que se vê na necessidade de se afastar de seu filho visando ao bem-estar da criança. As três personagens das romancistas femininas expostas aqui divergem em diversos aspectos e manifestam concepções distintas da maternidade sacrificial amplamente presente na sociedade antilhana. Através da análise aqui apresentada, percebemos a presença da mãe *poteau-mitan* no imaginário antilhano através de grandes nomes da literatura e os resquícios da cultura colonial que obriga as mulheres a desempenharem funções solo no que concerne à criação dos filhos. Observamos também a importância da manutenção familiar para a mulher antilhana, que, até hoje, se vê na necessidade de construir uma família para evitar passar a vida sozinha e isolada da sociedade como um todo. Dessa forma, concebemos a

²⁶ Et tandis que Sharon sentait les ongles de sa mère s’enfoncer dans son bras, elle rêvait de la voir morte. Oui, elle aurait voulu que Gina soit morte pour cesser enfin de faire des enfants. »

complexidade do tema e sua presença, há muito tempo, frequente na literatura e nas discussões acerca da sociedade.

Referências

BÍBLIA. Português. Edição Pastoral. Rio de Janeiro: Paulus, 1990.

COSTA, Marli Marlene da; SOARES, Etyane Goulart. Biopolítica e controle dos corpos femininos: um debate sobre maternidade compulsória e aborto: Revista Húmus, Porto Alegre, v. 12, n. 35, p. 369-386, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18764/2236-4358v12n35.2022.17>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. Coord. Marina Baird Ferreira. Curitiba: Positivo, 8. ed. rev. atual., 2010.

HARDWICK, Louise. La question de l'enfance. In: CARRUGGI, Noëlle. Maryse Condé: Rébellion et transgression. Paris: Karthala, 2015, p.43-65.

KRISTEVA, Julia. Être mère aujourd'hui. Revue française de psychosomatique, 2011/2 (n° 40), p. 43-51. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychosomatique-2011-2-page-43.htm>. Acesso em: 03 jan 2023.

LYONS, Leah Tolbert. Paroles de femmes, paroles de transgression. In: CARRUGGI, Noëlle. Maryse Condé: Rébellion et transgression. Paris: Karthala, 2015, p. 99-115.

MATERNAGEM. In: PRIBERAM. Dicionário on-line de língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/maternagem>. Acesso em: 09 jan 2024.

MÈRE. In: LAROUSSE, Dicionário on-line de língua francesa, 2023. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/m%C3%A8re/50611>. Acesso em: 09 jan 2024.

MOTHER. In: OXFORD. Dicionário on-line de língua inglesa. Outubro, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/OED/1525741166>. Acesso em: 09 jan 2024.

MULOT, Stéphanie. "Je suis la mère, je suis le père!" : l'énigme matrifocale. Relations familiales et rapports de sexe en Guadeloupe. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação, Doutorado em Antropologia social e etnológica, na Ecole des Hautes Etudes en

Sciences Sociales (EHESS), 2000. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-00266923v2>. Acesso em: 18 dez 2022.

NICOLAS, Mireille. Mon anthologie de littérature antillaise: de ses origines à 1975. Tome IV. La femme antillaise, de l'humiliation à la libération. Paris: L'Harmattan, 2005.

PROSPER-CHARTIER, Marie-France R. Les Figures Maternelles dans l'Oeuvre de Gisele Pineau: Maternite et Identite. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Flórida. 2008. Disponível em: <<https://diginole.lib.fsu.edu/islandora/object/fsu:183593/datastream/PDF/view>>. Acesso em: 07 jan 2023.

ROCHA, Vanessa Massoni da. Imaginários da (Não-)Maternidade no Caribe Francófono. Rev. Rascunhos Culturais, v. 11, p. 43-68, 2020.

VERGÈS, Françoise. Uma teoria feminista da violência. Tradução de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2021.